

INTERFERÊNCIAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO ESCRITA

Jeanne de Albuquerque de Mello¹

RESUMO: Este trabalho nasceu da necessidade de pesquisar e refletir acerca de algumas contribuições para o ensino da língua. Para que isso aconteça, necessitamos de uma prática docente que exerça seu papel de agente transformador da sociedade, trabalhando com as diferenças, procurando minimizar as dificuldades do aluno e tornando-o sujeito de seu próprio discurso. Sempre que nos deparamos com as produções do nosso alunado, somos levados a repensar a problemática das variedades lingüísticas. Nesse sentido, a escola tem como um de seus objetivos possibilitar aos alunos o acesso à norma culta, rompendo com as idéias antigas e inovando para que haja um desenvolvimento pleno na construção das habilidades de ler e escrever. Dessa forma, pretendemos contribuir para a propagação de uma escola que, além de ser um dos ambientes mais favoráveis na formação dos jovens para o exercício da cidadania, lhes oportunize, de fato, o domínio da leitura e da escrita.

PALAVRAS - CHAVE: alunos; escola; oralidade; escrita; cidadania.

ABSTRACT: This work was born of the need to search and reflect a broader perspective in order to contribute to the teaching of the language. For that to happen we need a school that performs competently its role as agent transformer of society who knows working with the differences seeking minimize the difficulties of the student making it the subject of his own speech. The problem of variants language has led us to rethink about the situation where we see the productions of our students. Without forgetting however that the school has as one of its goals to allow students access to standard knowledge, breaking with the old ideas and innovate so that there is a full development in the construction of the abilities to read and write. This way to contribute to the spread of a school that besides being one of the most favorable environments in the training of young people for the exercise of citizenship, give them the opportunity in fact the field of reading and writing.

KEY WORDS: students; school; orally; writing; citizenship.

¹ Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e suas Novas Tecnologias. Professora da Rede Pública Estadual e Municipal do Cabo de Santo Agostinho. Integra a equipe técnica EJA na SEDUC do mesmo município.

Membro efetivo do NIEL – UFRPE.

Ministra formação continuada de professores do Brasil Alfabetizado – Cabo de Sto. Agostinho.

E-mail: mello_jeanne@hotmail.com

1. Introdução

O homem é um ser social que se constrói e se constitui através das interações e da relação dialógica. Essas interações têm na oralidade e sua matriz formadora. Desse fato decorre a necessidade de um maior conhecimento da língua falada, como também um maior aprofundamento da sua riqueza cultural nos diferentes contextos sociais. A análise da oralidade e da escrita possibilita mostrar a contribuição da língua na formação do cidadão, objetivando uma melhor compreensão do homem como um ser social. A fala contribui para a formação do homem porque ela é um fator de identidade social e individual. É por intermédio dela que o homem pode expressar seus anseios, suas emoções, seus sentimentos. Pela diversidade de usos, a língua falada é também alvo de preconceitos por parte daqueles que aspiram a uma língua pura. Estudos recentes e detalhados do fato servem para constatar de forma mais ampla uma diversidade linguística que não permite que se privilegie este ou aquele modo de se expressar e facilita a formulação de uma intervenção pedagógica mais eficaz.

Esse tema tem sido tratado com afinco, levando-se em conta a grande extensão territorial do país, o que possibilita a ocorrência das variedades geográficas, sociais e contextuais. Toda essa diversidade deve ser levada em conta quando se trata de pesquisar, analisar e ensinar a língua, discutindo o porquê de brasileiro falar tão diferente, mesmo estando dentro do mesmo país.

Quando a escola não aceita como possíveis, dentro de uma perspectiva processual, textos produzidos com marcas da norma não-padrão, está valorizando um uso em detrimento de outro que ela já julgou e desqualificou. Segundo Bagno (2002, p.35), “todo falante de uma língua sabe essa língua”. Em vista disso, sabe-se que a gramática da língua vai sendo internalizada de maneira gradual, o que pode ser comprovado pela observação do desenvolvimento linguístico das crianças. Seria impossível para elas absorverem todas as regras de uma só vez. Elas vão aos poucos aprendendo, tentando, experimentando, liberando seus conhecimentos e utilizando-os no contato com os outros.

A questão das variações linguísticas tem me levado a refletir cada vez mais sobre as produções do meu alunado. Nesse sentido, em seus textos são considerados os fatores responsáveis pelo caráter heterogêneo da língua: diferenças **geográficas**, a elas estão

atrelados fatores ligados à sintaxe, ao léxico, ao tratamento entre os interactantes etc. em diferentes localidades; as **variações sociais**, que estão interligadas aos fatores como gênero, faixa etária, escolaridade, poder socioeconômico etc.; a **variação contextual**, que estabelece relação com a situação em que o falante está inserido. É de fato notória a capacidade de diversificar o uso da língua, o que inevitavelmente se revela nas produções dos alunos.

De fato, os usuários da língua tornam-se verdadeiros “camaleões lingüísticos” e, até adquirirem essa competência lingüística, vão revelando nos textos as marcas desse processo. Eles não falam da mesma forma, mas apresentam em comum as adaptações da oralidade para a escrita de acordo com as situações e, com isso, são constatados traços da primeira modalidade na segunda.

Foi pensando nessa diversidade, no preconceito existente em relação à oralidade e à escrita, na interferência da oralidade na escrita que me propus a pesquisar e refletir sobre este tema de forma a contribuir para o ensino da língua, ao mesmo tempo em que tenho por objetivo contribuir para propagação de uma escola que exerça com competência seu papel de agente transformador da sociedade, que saiba identificar e trabalhar com as diferenças, procurando minimizar as dificuldades do aluno, buscando soluções plausíveis para uma educação qualitativa, porque é disso que o Brasil e nós brasileiros precisamos com urgência.

Apresento, conforme anexos, alguns textos dos alunos da 6ª série, que revelam marcas da transposição da oralidade para a escrita durante o processo de desenvolvimento da competência escrita. Nessa perspectiva, espero contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, levando em consideração critérios que transformem a situação didática em momentos de reflexão e construção coletiva, no sentido de acompanhar o progresso dos alunos para que possam compreender e construir o conhecimento sem receios, sem medo de errar e como verdadeiros donos de sua palavra.

2. Oralidade e escrita

Trabalhar a oralidade dentro da sala de aula, mostrando seu valor, sua importância e sua contribuição na formação cultural da sociedade é o grande desafio do século XXI. O

espaço escolar sempre manteve como tradição a valorização da produção escrita de seus alunos. A ênfase que o estudo da fala tem conquistado torna-se um marco importante, porque ela chega mais próximo do aluno, favorece o reconhecimento e o respeito dos diversos falares e contribui para a preservação das tradições orais, que possuem um valor fundamental na formação cultural do aluno. Em outras palavras, a oralidade reforça a formação do aluno, tornando-se, assim, uma oportunidade singular para esclarecer os fatores que contribuem para o preconceito e a discriminação lingüística oriundos da visão monolítica da língua. Esse preconceito tem levado a postular uma fala padrão calcada nas instâncias mais formais da escrita.

O mito de que a língua falada no Brasil é uniforme e homogênea foi difundido pela escola há algum tempo e encontrou nos livros didáticos de português seus principais divulgadores. A ideologia de que existe uma única forma “certa” de falar e de que esta deve parecer com a escrita foi alimentada durante décadas. Trabalhar a língua indiferente às noções de que seja norma-padrão, variações, sota que, gírias é ilógico, quando se tem diante de si tanta diversidade. Esta questão é central e, ao mesmo tempo, assume relevância dentro do ensino da Língua Portuguesa por conscientizar educadores e educandos de que a língua em meio a tanta diversidade cultural é heterogênea e multiforme, o que a torna rica e, por que não dizer, muito bonita.

Bagno (2003, p. 39) enfatiza que a concepção de língua que a sociedade deve ter é a de que nenhuma língua é totalmente pura, porque, ao longo da história, ela recebe acréscimos por empréstimos. De fato, a língua faz arte da cultura e a cultura não é estanque. Assim como a cultura, a língua sofre variações. Ela se desenvolve, se aperfeiçoa. Esses empréstimos podem ser lexicais, prosódicos, morfossintáticos ou semânticos. Dentro dessa variação, não devem ser esquecidos os níveis de uso da língua como um fator também cultural.

Porém, o fato notório é que a escola ainda não tem cumprido com maestria sua função de agente transformador da sociedade e não a tenta para a pluralidade cultural que habita o próprio espaço escolar. Com isso, percebe-se o descaso com o contexto social do aluno, a desconsideração de seus conhecimentos empíricos advindos desse contexto e também a discriminação do aluno nas atividades que ele produz em sala de aula. A partir dessa visão, o aluno passa a ser avaliado em todas as suas produções por uma norma

padrão, incluindo a da língua. A fala do aluno, muitas vezes, ainda é analisada como uma questão puramente gramatical, assim como os discursos produzidos fora do contexto escolar deixam de ser abordados.

O fato de se ignorar o conhecimento empírico do aluno e o aspecto sociocultural significa produzir conhecimento e promover uma educação alienada da realidade, além de demonstrar o desconhecimento da sistemática das relações entre fala e escrita como duas modalidades do uso da língua que retratam a sua própria essência cultural. Em síntese, cada indivíduo se revela nos atos de fala e escrita e não se deve esquecer que a palavra escrita ou falada transforma e redimensiona a ação humana. De acordo com Benveniste (apud GERALDI, 2002 p.128), “a modalidade escrita da linguagem é tão profundamente marcada pela expressão de subjetividade que nós nos perguntamos se, construídas de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”.

No que diz respeito ao desenvolvimento da competência escrita dos alunos, é comum, na fase inicial, a aparição de marcas da oralidade. A ênfase, as rupturas, a fluência, a entonação e o ritmo também aparecem de modo peculiar nos textos. À medida que a escrita passa pelo discurso interior revela também o discurso social internalizado, tais como suas normas e suas formas. Se a escrita aparece inicialmente marcada pelo discurso interior, gradualmente, com a apreensão dessas normas e formas, deverá transformar-se: da escrita truncada, aglutinada ou ilegível, passará ao caráter legível e de fruição em um jogo de formulações possíveis, adquirindo, então, uma nova característica.

Neste artigo, serão apresentados os textos dos alunos da 6ª série, partindo de uma análise qualitativa que segue alguns critérios de observação que perpassam componentes textuais e lingüísticos, tais como: a continuidade textual; a progressão; as marcas da interatividade; a não-contradição; a articulação; a pontuação; a acentuação e outros aspectos gráficos. De acordo com Costa Val (1999 p37),. “as ocorrências de um texto não devem ser analisados *per se*, mas o texto deve ser percebido e interpretado integralmente”. Dessa forma, a análise dos textos centrou-se predominantemente no plano da coesão e da coerência.

2.1. A continuidade textual

A atividade proposta aos alunos foi a produção de uma carta destinada a uma pessoa de quem gostassem muito. As cartas foram direcionadas aos mais diversos destinatários. Tanto neste gênero textual quanto em outros produzidos com mais recorrência pelos alunos percebe-se certa oscilação entre a apropriação ou não dos critérios observados.

No texto 1, houve a garantia da continuidade temática, por conter elementos que lhe conferem unidade. Ao longo do texto, o autor fornece informações sobre si: está de casa nova convida o avô a visitar-lhe e dá a perceber que já esteve antes separado dele e que está satisfeito pelo fato de o avô não ir mais para São Paulo, o que fica visível no seguinte trecho: “se não agente ia sé separar dinovo”. Apesar dos deslizos ortográficos, o texto apresenta, além da continuidade, marcas de interatividade comprovadas através do alto grau de intimidade entre os interlocutores (neto e avô), observado pelo assunto tratado e pela forma como foi abordado, tornando evidente o envolvimento por meio dos marcadores conversacionais.

Quanto aos aspectos ortográficos, o autor comete uma série de infrações que não prejudicam a compreensão e a interpretação dos enunciados e que revelam as suas hipóteses de escrita. Grafia corretamente o pronome *lhe* - “lhe convidando”; mais adiante incorre na aglutinação: *dinovo*, (de novo), *agente* referindo-se ao pronome nós. Nas duas vezes em que emprega a palavra senhor, uma vez o faz com a letra *c*: cenhor, o que leva à dedução de que o aluno tem dúvida quanto ao emprego do *c* ou *s* no início da palavra. Isso ocorre porque algumas vezes o fonema /s/ confunde o aluno nas séries iniciais quanto ao seu emprego. É perceptível o emprego de autocorreção ao observar a rasura na palavra “receber”, na oitava linha do texto.

Muitas dessas ocorrências correspondem à transposição da oralidade para a escrita. As marcas da oralidade no texto são conseqüências consideradas normais para alunos que têm pouca familiaridade com a leitura e com a escrita e ainda estão apropriando-se dos conhecimentos lingüísticos.

2.2. A progressão

Segundo Costa Val (1999 p.23),“ a progressão, por s er a contrapartida da repetição ou continuidade, é a segunda condição da coerência e coesão”. De fato, por ser uma atividade realizada pelo produtor do texto, a progressão é empregada para manter o fio discursivo. É usada freqüentemente em seqüências co ntínuas de enunciados e na ordenação de parágrafos, fazendo o texto avançar. No plano da coerência, a progressão é percebida pela soma de idéias novas que já vinham sendo tratadas, como se observa no texto 1. Nesse texto, a seqüência de informações novas que o autor expressa até chegar ao comentário de satisfação ao saber que o avô não vai mais viajar a São Paulo revela a progressão. As inserções de novas informações não c ausam dificuldades, apresentando, na sua maioria, a soma de idéias novas as que já vinham sendo tratadas, sem causar dificuldades de compreensão. Há, portanto, progressão por encadeamento temático, por constar nesta produção correlação entre os segmento s textuais, verificando-se, então, que não se trata apenas de um aglomerado de frases, mas de um contínuo textual, dotado de sentido.

2.3. Marcas da interatividade

Considerando que a interatividade é um fenômeno constitutivo e indispensável às relações interpessoais, diversas marcas de interati vidade evidenciam-se ao longo dos textos analisados, por meio do envolvimento dos autores com o assunto de que tratavam e com os interlocutores. Com maior ou menor intensidade, tanto os pronomes pessoais quanto os possessivos e os de tratamento dão pistas acerca do nível de envolvimento entre os interlocutores no texto.

Silva, Beserra & Gomes (2003 p.108) mencionam marcas semelhantes. Para as autoras, “parece que os alunos buscam dizer através das marcas interativas que empregam, aquilo que ou por não dominarem plenamente o código escrito ou pelas próprias limitações dessa modalidade, não conseguem explicitar verbalme nte”. Sem dúvida, essas marcas interativas podem ser entendidas como pistas fornecidas pelo emissor para que o receptor possa interpretar o que ele quer comunicar. Como podemos observar: além da presença do vocativo “Olá vovô” (texto 1), percebe-se a busca d o

contato pautado na descontração, na proximidade e o autor procura manter um contato afetivo, íntimo, revestido de informalidade e espontaneidade existentes entre os dois. O tratamento dispensado ao avô (você), na maioria das vezes, evidencia o caráter informalidade do discurso mediante a despedida “Um grande abraço” e do nome assinado no final do texto 1.

2.4. A não-contradição

Segundo Costa Val (1999), esta propriedade textual deve ser observada tanto no âmbito interno quanto no âmbito externo das relações do texto com o mundo a que se refere. Nesse sentido, para ser coerente, o texto precisa estar de acordo com os princípios lógicos elementares, sem se contradizer. As informações devem estar compatíveis entre si, possibilitando, por conseguinte, as pressuposições e as inferências dos interlocutores, no exercício pleno da cooperação comunicativa. Levando em consideração esses fatos, o texto 2 foi analisado em consonância com esses fatores.

Nesse texto, há uma relação que se estabelece entre as partes, criando, dessa forma, uma unidade de sentido que resulta na compreensão e interpretação do que pretende dizer sua autora, desejosa de fazer as pazes com a sua amiga. Percebe-se, então, que mais uma propriedade textual foi cumprida, pois não há passagens contraditórias no texto. Isso revela que alguns princípios textuais já estão sendo incorporados; o que se resalta como negativo nas produções são os traços de uma diversidade lingüística desprestigiada socialmente.

Outra constatação evidente é que as marcas da oralidade que se fazem presentes no texto indicam que, por tratar-se do gênero carta pessoal, é comum, em geral, o autor procurar sentir e visualizar o destinatário muito próximo, como numa conversação face a face. Segundo Koch (2003, p.31), “o processamento textual quer em termos de produção, quer de compreensão deve ser visto também como uma atividade tanto de caráter lingüístico como de caráter sociocognitivo.” Assim sendo, o processo de construção de um texto, tendo em vista a produção de sentidos, exige não só o domínio de habilidades básicas, mas o uso de estratégias sociocognitivas, culturais e interacionais.

Considerando que a coerência caracteriza-se por uma interdependência semântica

entre os elementos que constituem um texto e que a coesão é o nexos que se estabelece entre esses mesmos elementos, observa-se que a remetente reforça a argumentação chamando a destinatária, o tempo todo, de amiga, reconhecendo, dessa forma, a importância de sua amizade. Ela tenta desfazer o mal-estar entre as duas, quando dá a entender que a mãe compreende o que se passou entre as duas amigas; mais que isso, não se opõe à amizade das duas, pois lhe afirma que numa relação de amigas existem brigas, desculpas e a volta às brincadeiras.

A autora da carta em questão comete algumas inadequações, tais como: a palavra agradeço grafada com dois *ss*; a troca do pronome átono *nos* por *se* e a palavra desculpando, grafada *disculpando*. Na acentuação, empregou *está* por esta – “está carta”; “me de” por me dê/dê-me. Apesar das inadequações, a essência do texto, na carta elaborada pela aluna, é considerada coesa, coerente e os desacordos de grafia e de pontuação apresentados são considerados normais, em se tratando de alunos desta série. Na análise do texto, deve ser ressaltado que ele é compreensível, legível, não foge à proposta da autora nem é contraditório.

2.5. A Articulação

A articulação é o encadeamento textual estabelecido por meio de recursos lingüísticos que podem relacionar elementos de conteúdo, situar o assunto apresentado no espaço ou tempo, estabelecer relações enunciativas ou discursivo-argumentativas, exercendo funções enunciativas e garantindo a unidade temática. Segundo Costa Val (1999, p.28), “a presença e a pertinência das relações entre os fatos e conceitos apresentados são dois aspectos a serem verificados. O texto pode apresentar fatos e conceitos relacionáveis sem estabelecer ligações entre eles, ou pode estabelecer relações não pertinentes entre os fatos e conceitos que denota”. Em vista disso, o texto 3, como os demais, estabelece essas relações de encadeamento, verificando-se também a presença e a pertinência da articulação como condição de coerência, pertinência das relações entre os fatos e conceitos apresentados. As marcas da oralidade que permeiam o texto nos mostram a importância dessas marcas para esse gênero, constituindo sua materialidade textual.

De acordo com o gênero, a autora do texto 3 fez usos dos recursos injuntivos:

“Não quero que fique com raiva de mim depois de ler essa carta”. Essa foi a forma encontrada por ela para conduzir, impelir a mãe, a agir de determinado modo. Inicia o assunto com a informalidade típica da carta pessoal, ou seja, com uma estrutura dialógica (Oi... como vai?), e dá prosseguimento com o pedido de desculpas, afirmando que gosta muito da mãe. Emprega adequadamente alguns recursos de junção com os conectivos em destaque: “Quero me desculpar por ter me comportado mal esse ano todo, e também por ter achado seu namorado um mala” “... não me mande pra lá nas férias, pois a senhora sabe que a mulher dele não gosta de mim...”. O pedido de desculpas é seguido por uma solicitação maior, cujo motivo é explicitado com clareza: não ir morar com o pai nem passar as férias com ele.

A ordenação de idéias e o uso de gíria “um mala” indicam o conhecimento partilhado e a linguagem utilizada por jovens de sua idade. Tal ocorrência é uma evidência da variação social por faixa etária, perfeitamente adequada ao gênero e à interação informal que se estabelece entre mãe e filha. A autora despede-se da mãe com beijos e diz-lhe que a ama. Possivelmente utiliza esse recurso para atenuar qualquer decisão contrária aos seus desejos. É um texto que chama a atenção pela firmeza com que a autora expõe seus pensamentos e opiniões.

Com relação às questões gráficas, não aconteceram transgressões graves que interferissem no sentido do texto. Pode-se observar a ausência do ponto final do verbo ter na terceira linha da composição e no último parágrafo escreveu letra minúscula, depois de ponto final; o que aparenta ter sido distração, pois em outras ocasiões a aluna não comete essas infrações. A palavra “entenda” no terceiro parágrafo foi grafada com *i*, o que chama a atenção para as questões das marcas da oralidade na escrita. Por estarem ainda construindo o conhecimento, situações de transposição da fala para a escrita fazem parte do universo lingüístico dos alunos nesta série.

De acordo com Koch (2003 p.33), “a produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização”. Assim sendo, sua reconstrução e a dos próprios sujeitos se dão no momento da interação verbal.

2.6. A pontuação

Na tentativa de reconstituir os recursos rítmicos e melódicos que a oralidade possui e dividir as partes do discurso que não têm entre si uma íntima relação sintática, a pontuação representa, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada, além da importante função sintático-semântica. O não uso ou o uso inadequado desses recursos promovem um desacordo no texto, como pode ser verificado no texto 4.

Observa-se, contudo, o emprego adequado do ponto final, mudança de parágrafo com emprego de maiúscula no início da frase. As vírgulas foram utilizadas adequadamente separando ou intercalando os períodos: “quando eu c horo você me consola, quando eu fico sorrindo, você ri comigo, juntas nós sorrimos, brincamos, choramos juntas”. Fato comum nessa fase do conhecimento é que os alunos ainda não fazem o uso apropriado da pontuação e, quando o fazem, nos dão a impressão de que o fazem aleatoriamente. A evolução da produção foi prejudicada, possivelmente, pela pressa em dizer tudo o que a autora sentia com relação à mãe, não reservando um tempo para a organização do pensamento e das idéias antes de passar para a escrita. O leitor conseguirá, à custa de algum esforço, reconstituir o entendimento do texto, o que revela a importância dos sinais de pontuação na composição do sentido do texto e, ao mesmo tempo, a necessidade de um trabalho mais específico com os alunos sobre essa questão. É importante lembrar que, ao expressar-se através dos textos, o aluno está colocando em prática o seu conhecimento lingüístico. Segundo Cardoso (2003, p.125), a apropriação da pontuação não é um processo linear, mas está “relacionada com as condições e oportunidades oferecidas pela escola, bem como com as experiências de letramento, ocorridas nas práticas sociais de leitura e escrita”. Nesse sentido, os sinais de pontuação constituem recursos lingüísticos necessários à construção da realidade, à compreensão e à produção escrita, pois, além de serem de fundamental importância, são consideradas capacidades centrais no desenvolvimento da competência comunicativa dos usuários da língua.

3. Considerações finais

Diante do que foi exposto aqui, constata-se que a oralidade e a escrita têm a mesma

importância como duas modalidades de usos da língua . O estudo da oralidade dentro das atividades escolares se reveste de grande importância porque valoriza a textualização do aluno no seu cotidiano. Não se concebe mais tratar os falares sob o ponto de vista dicotômico, como se fossem línguas diferentes, mesmo porque, dentro da mesma língua, existem formas de uso adequadas a cada situação dos níveis de linguagem. Segundo Marcuschi (2005 p.17), “as relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação, perpassada pelos gêneros textuais e não na observação dicotômica de características polares.” De acordo com essa reflexão, a análise atenta dos textos revelou que, mesmo apresentando dificuldades, os alunos possuem habilidades e competências para escrever. Os textos comprovaram que a maioria dos alunos tem dificuldades em escrever segundo as normas ortográficas e que muitos deles ainda se baseiam nos saberes da oralidade na construção de suas hipóteses escritas, demonstrando pouca familiaridade com as convenções que a regem, sem se darem conta das diferenças entre as duas modalidades.

Com relação à acentuação, foram registrados muitos casos de descumprimento da norma, assim como ocorrem usos indevidos de letras com sons semelhantes, como representa o fonema /s/. Essas ocorrências representam a expressão, por escrito, do som que o aluno emite na fala, devido ao fato de que ele ainda não sabe representar os fonemas por diferentes grafemas. Em relação à pontuação, a maior dificuldade dos alunos é o uso da vírgula e, em alguns casos, não usam o ponto em final de frase. Há que se lembrar que alunos nessa fase do conhecimento ainda não fazem uso adequado da pontuação, utilizando com pouca frequência esses recursos e, quando o fazem, parecem fazê-lo aleatoriamente. Refletindo sobre essas questões, não se deve esquecer que existem vários aspectos que contribuem para os problemas na escrita de alunos do Ensino Fundamental. Destaca-se entre eles a excessiva preocupação com o ensino da gramática de forma fragmentada e desvinculada de seu uso em produções textuais, fato que contraria as novas recomendações para o ensino de língua materna.

O uso de articuladores e mecanismos de junção está presente em todos os textos. Embora tenham ocorrido algumas inadequações, há que se considerar a série e a faixa etária dos alunos pesquisados. Houve mais adequações que inadequações. A análise dos textos comprovou que a maioria dos alunos fez uso dos articuladores e mecanismos de

junção, concordância entre os termos da oração, emprego de verbos, manutenção da continuidade, não-contradição e articulação de idéias que foram os recursos coesivos analisados para a obtenção da coerência textual, apresentando índice satisfatório. Ressalte-se que, na maioria dos textos, as dificuldades no emprego desses elementos textuais apresentaram-se em pequeno número, o que demonstra que, como usuários competentes da sua língua materna, os alunos constroem textos coesos e coerentes, com menor incidência de problemas nessa questão em comparação com as questões lingüísticas. Possenti (2002 p.83) comenta que: “por mais distante que a linguagem do aluno esteja da variedade padrão, ela é articulada, complexa e longe de ser pobre ou rudimentar, ela é extremamente relevante por conter um conhecimento lingüístico internalizado”. Nesse sentido, o que o aluno produz reflete o que ele sabe e não se pode ignorar que língua oral e língua escrita se influenciam mutuamente.

Vale salientar ainda que os textos analisados revelam que os princípios da textualidade que conferem e reforçam a coesão e a coerência, como a continuidade, a progressão, a não-contradição, a articulação, apontam para um avanço na produção textual. A observação desses elementos textuais merece relevância, uma vez que os elementos lingüísticos, como a grafia e a pontuação, também consideradas na análise, são mais evidentes sob o olhar do professor-avaliador, deixando de perceber muitas vezes os avanços que o aluno vem demonstrando processualmente e em outros aspectos da composição textual.

Merece destaque ainda que a maioria dos textos analisados apresentam, em geral, boa organização visual, com separação de parágrafos, com o uso de vocativo, por tratar-se do gênero carta, apesar de não seguir à risca a estrutura de uma carta com data, saudação, desenvolvimento e fechamento. Ficou evidente que há, nas produções dos alunos, dificuldades, mas há aspectos muito positivos como a informatividade, o estabelecimento de envolvimento, como as marcas de afetividade, a continuidade e a progressão temática, além do atendimento aos requisitos do gênero. Portanto, as diversidades apresentadas e a transposição da fala nos usos da língua escrita, constituíram um ponto de partida para o ensino da língua portuguesa, porque revelaram traços recorrentes na produção dos alunos e podem ser refletidos em conjunto.

A escola tem como um de seus objetivos possibilitar o acesso dos alunos à norma

culta e desenvolver um trabalho a partir dos usos da língua falada e escrita, sem desprezar as variações linguísticas desses alunos, evitando, assim, uma atitude errônea e preconceituosa, pois esses fenômenos são passíveis de explicação. importante pontuar que nessa experiência não foi possível dar conta de tudo. Mas, à medida que surgiam novos questionamentos, novas inquietações, nascia outra consciência, a de redimensionar os saberes e rever concepções e atitudes. A grande motivação é a possibilidade e a intenção de percorrer novos caminhos na continuação de futuras pesquisas, que favorecerão um contato mais positivo do aluno com a língua portuguesa, tornando-o sujeito do seu próprio discurso, na construção da competência comunicativa.

4. Referências bibliográficas

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

CARDOSO, C. J. **A socioconstrução do texto escrito: uma perspectiva longitudinal**.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GERALDI, João Wanderley: (Org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 2002.

SILVA, Mozeiner Maciel Nascimento; BESERRA, Normanda da Silva; GOMES, Valéria Severina. **Marcas interativas em produções textuais escritas**. In: Investigações vol.16, nº 1, Jan. 2003.

5. ANEXOS

Texto 1

Cartão 29 de novembro de 2006 20/11/06

De: Mayara

Ola sorô

13

Data: 20/11/06

End: Bela Vista

Para: Maria Cristina

Espero que você esteja bem. Estou lhe admirando para vim na minha casa (na periferia da cidade) que não vai ser muito longe. Espero que você não se esqueça de trazer o dinheiro para comprar o que quiser. Não quero que fique com raiva de mim depois de ler essa carta. Quero que saiba que a mulher de quem gosto de mim. Também não vou reclamar dos meus amigos por a maioria deles eu também gosto.

Beijos...

de sua filha que lhe ama.

THAI

Texto 2

Yvete

14

Amiga Yvete mande esta carta para poder me desculpar por que brigui com você, mas queria e que os amigos se pudessem ajudar e acabar brigando, mais ainda você é uma das minhas melhores amigas. Minha mãe diz que é assim mesmo quando se é amiga, brigamos, mas depois acabamos e desculpa e voltando a brincar.

Amiga nunca se esqueça que você é uma amiga 100% simpática e atenciosa quando falamos brigado por tudo que você faz para mim. Por favor me ligue e me dê a resposta se vai me desculpar ou não.

Gratidão muito por tudo que fez.

sempre
gratidão.

Gizela

Texto 3

Texto 4

De: Carolina de Castro Melo
Para: Mimka Marmoz local: Escola. E-mail: mãe@va-
local da mimka mãe: residência
"Declaração" * * *

* Mimka mãe eu gosto muito da senhora, você é muito especial para mim porque quando eu choro você me consola, quando eu fico nervosa você ri com mim, juntos nós brincamos, brincamos, choramos juntos.

Eu não sei como agradecer a você por ter um amado como eu sou, às vezes eu sou um pouco temerosa mais você sempre está do meu lado mimka Mãe eu ti amo sempre e nunca vou te deixar pois é que você quanto gosta com mim nos hospitais e quando eu estiver doente mais você estará do meu lado.

Mãe cada tapa que você dá em mim cada carão que você dá para que eu possa ser alguém na vida mãe desculpe por alguma coisa que eu tenho feito com a senhora mimka desculpe pois às vezes eu sou chata mais eu gosto da senhora apesar que eu estou crescendo mais eu vou mais e mais gostando da senhora.

Mãe eu ti amo sempre você está guardada no meu coração
ASS: sua filha maravilhosa Carol

* Carol * Ti amo *